

***MERDA DE ARQUIVO***

*Diego Torres*



INSTITUTO DE ARTES - IdA  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - VIS

DIEGO FELIPE TORRES

MERDA DE ARQUIVO

BRASÍLIA  
2016-2017

DIEGO FELIPE TORRES

MERDA DE ARQUIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Artes Plásticas.

Orientador: Professor Dr. Atila Ribeiro Regiani

BRASÍLIA  
2016-2017

DIEGO FELIPE TORRES

MERDA DE ARQUIVO

Banca examinadora

Prof. Dr. Atila Regiani

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Campos de Sá

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cinara Barbosa

BRASÍLIA  
2016-2017

A G R A D E C I M E N T O S

## A função da arte/1

**D**iego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

*– Me ajuda a olhar!*



D E D I C A T Ó R I A

À minha família, que tanto amo, pelo apoio incondicional durante este percurso.

À Nana Bittencourt, minha companheira de todas as horas, que foi fundamental para tornar este projeto possível.

Ao meu orientador Atila Regiani por toda a paciência, dedicação, apoio e principalmente pela grande generosidade. Aos queridos professores e amigos que fiz na Universidade de Brasília, obrigado por todas as experiências compartilhadas, bem como pela amizade, força e suporte.



c a p í t u l o \_ 0  
D E S E N T E R R A N D O

## Uma arte dos meios de comunicação (manifesto)

Eduardo Costa, Raúl Escari, Roberto Jacoby  
(Julho de 1966)

Em uma civilização de massas, o público não está em contato direto com os fatos culturais, mas se informa sobre eles através dos meios de comunicação. A audiência de massas não vê, por exemplo, uma exposição, não presencia um happening ou uma partida de futebol, mas vê a sua projeção em um noticiário. Os fatos artísticos reais deixam de ter importância quanto a sua difusão, já que só chegam a um público reduzido. "Distribuir dois mil exemplares de uma obra em uma grande cidade moderna é como disparar um tiro no ar e esperar que caiam os pombos" – disse Nam June Paik. Em última instância, não interessa aos consumidores de informação se uma exposição se realiza ou não; só importa a imagem que o meio de comunicação constrói desse fato artístico.

A arte atual (fundamentalmente o pop) tomava, às vezes, para a sua constituição, elementos, técnicas, da comunicação de massas, desconectando-as do seu contexto atual (por exemplo, Lichtenstein com os quadrinhos, ou D'Arcangelo com os sinais de trânsito). À diferença do pop, nós pretendemos constituir as obras no interior dos meios. Deste modo nos propomos entregar para a imprensa o informe escrito e fotográfico de um happening que não aconteceu. Esse falso informe incluirá os nomes dos participantes, uma indicação do lugar e do momento em que se realizou e uma descrição do espetáculo que se finge ter ocorrido, com fotos tomadas dos supostos participantes em outras circunstâncias. Assim, no modo de transmitir a informação, no modo de realizar o acontecimento inexistente, nas diferenças que surgem entre as diversas versões que do mesmo evento faça cada emissor, aparecerá o sentido da obra. Uma obra que começa a existir no momento mesmo em que a consciência do espectador a constitui como já concluída.

- Existe, pois, uma tripla criação:  
- a redação do falso informe;  
- a transmissão que de tal informe realizam os canais de informação;  
- a recepção por parte do espectador que constrói – a partir dos dados recebidos segundo a significação que para ele adquirem esses dados – a espessura de uma realidade inexistente que ele imagina verdadeira.

Levamos assim até sua última consequência uma das características dos meios de comunicação: a des-realização dos objetos. Deste modo se privilegia o momento da transmissão de uma obra mais do que o momento da sua constituição. A criação consiste em deixar sua constituição vinculada a sua transmissão.

Atualmente, a obra de arte é o conjunto dos resultados de um processo que começa com a realização de uma obra (tradicional) e continua até que tal obra se converta em material transmitido pelos "mass media". Agora, propomos uma "obra de arte" na qual desapareça o momento de sua realização, já que assim se comentaria o fato de que essas obras são, na verdade, um pretexto para pôr em marcha o meio de comunicação.

Do ponto de vista do espectador são possíveis, para esses tipos de obras, duas leituras: por um lado, o espectador que confia no meio e crê no que vê; por outro, o do espectador prevenido que está ciente da inexistência da obra que se noticia.

Abre-se assim a possibilidade de um novo gênero: a arte dos "mass media", para a qual o que importa não é fundamentalmente "o que se diz", mas sim *fotografar os meios como meios*.

Esse informe prepara, além disso, os destinatários da segunda leitura, "previne" alguns leitores e constitui a primeira parte da obra que anunciamos.

Tradução: Flávia Cera



c a p í t u l o \_ 1  
S I N A I S \_ D E \_ F U M A Ç A

“Warburg consagrou uma parte considerável de sua investigação aos temas da astrologia: ler os movimentos de tempo nas configurações visuais - como são as constelações de estrelas -, não será, no fundo, um paradigma fundamental para qualquer conhecimento que procure extrair o inteligível a partir do sensível?”

Georges Didi-Huberman<sup>1</sup>

**ПРЕДСКАЗАНИЯ ВАНГИ**

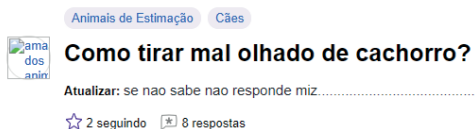
**ВАНГА**

2008 - Покупка на 4 года правительств...  
 2010 - Начало 3-ей мировой войны...  
 2011 - В результате выш...  
 2014 - Большинство людей будет страдать...  
 2016 - Глобальная пандемия...  
 2018 - Развивающиеся страны превраща...  
 2019 - Немного изменится орбита Земли...  
 2022 - Создание нового источника энергии...  
 2023 - Появление льды тает. Повышается...  
 2041 - Мировая экономика процветает...  
 2046 - Выращиваются органы...  
 2056 - Во время нападения на мусульман...  
 2075 - Кристаллическое общество (коммунизм)...  
 2084 - Возрождение природы...  
 2088 - Новая болезнь - старение за не...  
 2097 - Быстрое старение побеждено...  
 2100 - Искусственные Солнце освещает те...  
 2111 - Люди становятся гибридами (вещи...  
 2123 - Битвы между малыми государст...  
 2125 - В Венгрии получат отсылки из кос...  
 2130 - Колонии под водой (с помощью со...  
 2164 - Женщины преобладают в полуполет...  
 2167 - Новая религия...  
 2170 - Большая засуха...  
 2183 - Колония на Марсе становится ядер...  
 2187 - Удасно оставаться извержение 2...  
 2195 - Мировые колонии полностью обес...  
 2196 - Парки смешиваются и переробот...  
 2201 - На Солнце замедляются термодина...  
 2211 - В поисках внешней жизни челове...  
 2262 - Постепенно меняются орбиты планет...  
 2271 - Звезды распадаются изменяются...  
 2273 - Смешение желтой, белой и черной...  
 2275 - Энергия из ничего (переход из ваку...  
 2288 - Путешествие во времени. Новые ко...  
 2291 - Солнце оставляет. Предпринимают...  
 2296 - Мощные вспышки на Солнце. Из...  
 2299 - Во Франции - партизанское движе...  
 2302 - Открыты новые важные законы и...  
 2304 - Открыта тайна Луны...  
 2341 - Негло страшно приближается к...  
 2343 - Авария на одном из искусственных...  
 2372 - Волной голод...  
 2378 - Новая быстро растущая раса...  
 2400 - Соединится 2 искусственных Солнца...  
 3005 - Война на Марсе. Насушеств тран...  
 3010 - Комета пролетит Луна. Вокруг...  
 3797 - К этому времени на Земле побудит...  
 4000 - Появление системы доставки ко...  
 4000 - Появление системы доставки ко...

Tenho grande interesse por práticas de adivinhação, como a leitura de mãos, herança que remete aos ciganos, bem como por adivinhadores e charlatões, pelas premonições baseadas em fatores dinâmicos, incertos e voláteis. Acredito que a arte se relaciona diretamente com este lugar. “Em termos de credulidade, o artista está em algum lugar entre o cientista e o mágico. De certo modo, a obra de arte é um ato de magia explicado, ou pelo menos, explicado com certa facilidade.” (CAMNITZER, 2011). A vida é cheia de magia, porém existem inúmeras forças operando num sentido de embrutecimento das noções do domínio etéreo. A vidente Baba Vanga faz aniversário no mesmo dia que eu, 31/01, e como eu teve problemas relacionados à visão (física). Procuo lidar de maneira cuidadosa e atenta aos mistérios da existência, às coincidências; a partilha do sensível por si só já me intriga muito, pois pode acontecer das maneiras mais absurdas.

<sup>1</sup> Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta, p. 27-28. Lisboa: KKYM + EAUM, 2013.

Um ser revela ao outro o próprio olhar sobre as construções de seus mundos, tem magia nisso. Este ato de “abrir” algo e compartilhar é surpreendente. As consequências desses encontros, acasos e trocas, certamente têm haver com o fortalecimento de laços mágicos. Se há encanto nestas pequenezas, porque não haveria em tudo o que somos e operamos? Acredito no poder da intenção, no alinhamento perfeito de frequências que promove os acontecimentos. Certo verão, quando eu tinha 7 ou 8 anos, o cachorro de um vizinho caiu enfermo subitamente sem razões aparentes, todas as providências lógicas cabíveis foram tomadas mas nada o trazia de volta à alegria corriqueira. Minha tia então pediu para o dono comprar algumas coisas (lembro-me de ser necessário uma vassoura nunca usada e algum ramo de planta), e solicitou um tempo sozinha com o animal em um quarto, enquanto fazia algumas orações. Lembro-me de um momento em que ela me convidou para entrar e pediu para que eu passasse sobre o cachorro fazendo o sinal da cruz. Saí do quarto enquanto ela terminava seu trabalho e em poucos minutos o cachorro estava bem novamente. Era como se minha tia fosse uma diplomata cósmica<sup>2</sup>, performando para ninguém (ou sabe-se lá para quem) em um ambiente fechado, promovendo rituais solitários. Sinto-me com meus processos de trabalho artístico um pouco desta forma. Na época pareceu uma experiência bem estranha, pois eu não entendia muito bem a dimensão daquelas ações, e aquela neblina me assustava.



Yahoo! Respostas, Como tirar mal olhado de cachorro (2017)

Aquele que adivinha utiliza um método específico, focando sua energia em obter algum tipo de resposta - porque apenas alguns

<sup>2</sup> Utilizo este termo à luz do conceito desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro em seu livro *A Inconstância da Alma Selvagem* e outros ensaios de antropologia, publicado pela editora Cosac Naify em 2002.

utilizadores ou métodos funcionariam, se o processo caminha sobre linhas tão tênues? Isso me remete imediatamente ao desenrolar da história da arte, em alguma instância. O quanto, de fato, um artista se distancia de qualquer adivinhador? Por exemplo, vejo o charlatão como alguém que utiliza muito bem o que está disponível ao seu favor. É necessário ter muito conhecimento de mundo para enganar os outros, ser versado na diversidade, principalmente se você não possui poderes ocultos ou mediúnicos de fato. Um charlatão manuseia aquilo que está ao seu alcance em benefício próprio; um artista contemporâneo fotografando seu cotidiano e participando do mercado de arte não estaria fazendo a mesma coisa, utilizando as situações disponíveis em prol de si, e talvez respondendo a anseios alheios? Não há muito de intuição nos dois processos, ainda?

*“(...) as humanidades em geral (...), a história da arte em particular, não seguiram a mudança paradigmática galileiana das ciências naturais, mas com sua continuação de um paradigma indutivo se relaciona por fim com as práticas antigas de divinação.” (SCHNEIDER, p. 8, 1993).*

A Patafísica chama minha atenção com suas invenções, soluções imaginárias e exceções e também se relaciona ao universo que estou tentando organizar. Inventar sentidos, mancias - sufixos e desculpas para adivinhar, predizer e ressignificar o mundo à minha volta. Será a patafísica uma exceção dentro do campo das ciências, por não ser vista por todos como pertencente ao conhecimento validado? Tenho investigado a cerca das mancias (cartomancia, bibliomancia, piromancia, etc) e suas potências, bem como as poéticas possíveis nestas formas de leitura e interpretação de sinais e sua ligação com situações do cotidiano. Utilizar o corpo como meio de onde a mensagem parte, ao passo que também é seu suporte, ação, reação e expressão. Ainda é possível inventar formas de ver o mundo dentro do contexto da contemporaneidade? Como analisar e descrever o mundo e seus sinais? Obsessivamente busco sentido onde aparentemente não há, experimentando soluções, espectros e desdobramentos de realidade, em partes, e este volume é uma tentativa de organização um pouco deste fluxo.

## INTUIÇÃO

Conhecer algo, sabendo que tudo é conhecido.

UPANISHADS

A vida é cheia de abstrações e a intuição é a única maneira que temos de rastreá-la. Intuir é enxergar a solução, reconhecê-la por inteiro. Intuição é a emoção e o intelecto trabalhando juntos.

Isto é essencial para o cineasta.

Como fazer alguma coisa boa? Todo mundo se vale dos mesmos instrumentos: câmera, filme, enredo e atores. Mas quando essas partes se juntam, nota-se que há diferenças. É aí que entra a intuição.

Pessoalmente, acho que a intuição pode ser aguçada e expandida através da meditação, mergulhando em Si Mesmo. Dentro de cada indivíduo existe um oceano de consciência, um oceano de soluções. E quando mergulhamos nesse oceano, nessa consciência, nós a despertamos.

Não se mergulha aí em busca de soluções específicas; mergulha-se para despertar esse oceano de consciência. Depois, a intuição cresce e aparece uma forma de resolver os problemas, tomando consciência do que não está certo e encontrando um meio de corrigi-lo. Essa capacidade aumenta e as coisas fluem com mais facilidade.

David Lynch, *Em águas profundas: criatividade e meditação*, p. 47-48.





c a p í t u l o \_ 2  
S I N T O M A S , P I S T A S  
E \_ R A S T R O S

O código alfanumérico – indistinguível da escrita – é o meio pelo qual a internet concretizou seu controle sobre a literatura.

O futuro da escrita é a gestão do vazio.

O futuro da escrita é destacar algo.

O futuro da escrita é não escrever.

O futuro da leitura é não ler.

Entidade humana antigamente chamada: “o leitor”.

Kenneth Goldsmith<sup>1</sup>



Kiki Smith, Tale (1992)

Esta produção textual surge de apropriações diversas visando possibilidades de escrita não convencionais, de processos automatistas, repetitivos, robóticos; é um exercício experimental da liberdade ortográfica. Construídos a partir de abas abertas no navegador, trechos de reportagens, livros, músicas, vivências e influências, estes parágrafos são remixes da minha realidade.

Regras inventadas para catalogar um conjunto de coisas diversas. Não há ordem imposta, mas sugestões, e o leitor pode perambular pelo texto da maneira que lhe parecer melhor. Já o presente volume é de minha autoria (entendendo-me aqui também como organizador), portanto atribuo a ele as minhas regras, e apesar de se tratar de um trabalho acadêmico, as linhas que estão por vir não obedecem muitas normas.

Determinei algumas formas de escrita, e separei-as em pastas no meu computador, dividindo o que eram abas da internet, notas minhas, citações de livros, textos feitos em geradores, etc. Para cada pasta de textos, determinei uma regra de extração das palavras. Em alguns peguei os trechos em itálico, em outros só a primeira ou terceira frase do parágrafo, etc. Ao ler um texto, algumas coisas nele brilhavam, e entrava em cena, naturalmente, uma nova composição, a partir daquilo que me chamava a atenção ali. As palavras extraídas iam se encaixando de uma nova maneira, às vezes fazendo sentido, às vezes não - mas alterar me era necessário. Acho que lendo assim participa-se muito mais. Te faz estar presente, de fato, ativamente remodelando, fazendo uma coisa prática com leitura. Pelo menos para mim, se mostra como uma possibilidade minimamente divertida, isso de destruir a palavra de alguém. Me tornou mais interessado em ler.

Entender como leitura válida todos aqueles assuntos que lia na internet ou outros meios menos acadêmicos foi muito libertador. Da minha coleção particular aparentemente sem utilidade de links salvos, surgiu um material imenso para pesquisa e trabalho. Assim como poderiam ser vistos como conexões randômicas, juntos eles formam uma cosmologia de mim, sendo retratos do meu cotidiano e minha curiosidade. Copiar e colar, destruir e reorganizar, escrever a partir dos outros. Mastigar as palavras alheias; engolir; digerir; expurgar.

Para Kenneth Goldsmith, a produção literária segue engessada nos dias de hoje como se os tempos não tivessem mudado,

<sup>1</sup> Grampo Canoa. Lunaparque, São Paulo, n. 2, p 22-38. 2016.

como se não houvesse uma nova demanda em função da tecnologia e seus novos meios de comunicação (KURZ, 2017). Em outras áreas, a cultura já se deixou atingir pelos novos tempos: me vêm à cabeça a música e os samples, por exemplo. Em função de uma quantidade enorme de escritos, porque escrever é tarefa mais nobre do que organizar ou reutilizar? Outro dia eu vi algo sobre escrever palavras que nunca foram ditas, e pensei, porque também não reescrever palavras já ditas, mas de outras maneiras? Que diálogo se estabelece entre um livro rebuscado e o leitor de 140 caracteres? Como fazer ambos se atravessarem?

A internet e o ambiente digital apresentam aos escritores novos desafios e oportunidades para redesenhar o processo criativo, a autoria e sua relação com a linguagem. Confrontados com uma quantidade gigantesca de textos e linguagem, os escritores têm a oportunidade de ir além da criação de novos textos e gerenciar, analisar, (des)apropriar e reconstruir aqueles que já existem (KURZ, 2017).

Quais são os próximos passos da escrita, para onde ela vai agora? Será usada no futuro como hoje? Vai continuar com as mesmas estratégias, fechada em si? Acredito que certamente não poderá. A expansão a partir desta demanda digital parece ser inevitável. Como um vírus que se propaga; como praga.

Paraíso  
É exatamente como  
Onde você está agora  
Só muito, muito melhor.  
Eu vi esse cara no trem  
E ele parecia deus ficado preso  
Em um desses transe abstratos.  
E ele ia: Ugh ... Ugh ... Ugh ...  
E Fred disse: Eu acho que ele está em algum tipo de dor. Eu  
acho que é um grito de dor.  
E eu disse: Dor chorar?  
Em seguida, a linguagem é um vírus.  
Língua!  
É um vírus!  
Língua!  
É um vírus!  
Bem, eu estava conversando com um amigo  
E eu estava dizendo: Eu queria que você.  
E eu estava procurando por você.  
Mas eu não poderia encontrá-lo.  
Eu não poderia encontrá-lo.  
E ele disse: Hey!  
Você está falando comigo?  
Ou você está apenas praticando  
Por uma dessas performances de seu?  
Hã?  
Língua!  
É um vírus!  
Língua!  
É um vírus!  
Ele disse: Eu tive que escrever aquela carta para a sua mãe.  
E eu tive que dizer ao juiz que foi você.  
E eu tive que vender o carro e ir para a Flórida. Porque isso é  
apenas a minha maneira de dizer  
(É um encanto.)  
Que eu te amo.  
E eu (é um trabalho.)

Tinha que chamá-lo no início da madrugada (Por quê?)

E listar as vezes que eu estive errado.

Porque isso é apenas a minha maneira de dizer

Que eu sinto muito. (É um trabalho.)

Língua!

É um vírus!

Língua!

É um vírus!

Paraíso

É exatamente como

Onde você está agora

Só muito, muito (é um naufrágio,)

Melhor. (É um trabalho.)

Você sabe?

Eu não acredito que há uma coisa como TV.

Quero dizer - Eles apenas manter mostrando-lhe

As mesmas imagens repetidamente.

E quando eles falam eles apenas fazem sons

Que mais ou menos sincronia-se

Com seus lábios.

Isso é o que eu acho!

Língua!

É um vírus!

Língua!

É um vírus!

Língua!

É um vírus!

Bem, eu sonhei que havia uma ilha

Que se levantaram do mar.

E todo mundo na ilha

Era alguém de TV.

E havia uma bela vista

Mas ninguém podia ver.

Porque todo mundo na ilha

Estava dizendo: Olhe para mim! Olhe para mim! Olhe para mim!

Olhe para mim!

Porque todos eles viviam em uma ilha

Que se levantaram do mar.  
E todo mundo na ilha  
Era alguém de TV.  
E havia uma bela vista  
Mas ninguém podia ver.  
Porque todo mundo na ilha  
Estava dizendo: Olhe para mim! Olhe para mim! Olhe para mim!  
Olhe para mim! Olhe para mim!  
Por quê?  
Paraíso é exatamente como  
Onde você está agora  
Só muito, muito melhor.

ANDERSON, Laurie. Anéis de Fumo. Lisboa: Assírio Alvim, 1997.





c a p í t u l o \_ 3  
V I D A \_ P R I V A D A

*A obra de arte reproduzida, toma-se cada vez mais a reprodução de uma obra de arte que assenta na reprodutibilidade. A partir da chapa fotográfica, por exemplo, é possível fazer uma grande quantidade de cópias, o que retira sentido à questão da cópia autêntica. Mas nesse momento, com o fracasso do padrão de autenticidade na reprodução de arte modifica-se também a função social da arte. Em vez de assentar no ritual, passa a assentar numa outra praxis: a política.*

Walter Benjamin<sup>1</sup>



Pipilotti Rist, Closed Circuit (2000)

<sup>1</sup> A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica In: Obras Escolhidas volume 1: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

Tudo isto parte da minha rotina, dos meus afazeres do dia-a-dia, de como eu vivo a minha vida. Dos meus hábitos cotidianos, as coisas simples e desimportantes que acontecem. Lendo, estudando, experimentando e praticando rituais pessoais, embriagando-me disto, daquilo ou de nada em busca de expansão mental, vejo que criei facilidade em dar importância para as coisas que em geral passam despercebidas no cotidiano. Passei a explorar estes arquivos gerados a partir da minha navegação na Internet, e dos meus acúmulos físicos e pessoais, entendendo isto como uma espécie de diário. Assim surgiu a investigação a cerca dos expurgos do meu corpo, como impressões de mim sobre o mundo. Passei a entender minhas abas abertas no navegador da mesma maneira que entendo as impressões de fezes sobre o papel higiênico quando vou ao banheiro pela manhã, os escarros depois de aplicar rapé ou os mapas que a saliva que escorre da minha boca enquanto durmo desenha no meu travesseiro ao longo do tempo.

*“(...) o desejo de situar inteiramente o corpo e a mente em um estado de expulsão (de projeção) mais ou menos violento. O conceito de corpo estranho (heterogêneo) permite indicar a identidade elemental subjetiva dos excrementos (esperma, menstruações, urina, matérias fecais) e de tudo que poderia ser considerado como sagrado, divino ou maravilhoso.” (BATAILLE, p. 94, 1985)*

A pesquisa é aberta às imposições do acaso. Ser surpreendido pela criação, pelo processo, mesmo a partir dos ciclos repetitivos, movimentos peristálticos do dia-a-dia. A rotina é uma experimentação bem como uma fonte inesgotável de inspiração, e por vezes de material. Os expurgos como assunto e ferramenta. O corpo ocupa o centro do trabalho e o define no espaço/tempo. Experimento olhar para os pequenos acontecimentos, com o ímpeto de catalogá-los e organizá-los, buscando transmitir possibilidades de mundo, recombinações do real. Em meio a um contexto de extrema velocidade e quantidade de info-razões, a dúvida sobre o que excluir, bem como os critérios a serem seguidos para fazê-lo. Construir um arquivo do cotidiano, como um

trabalho rotineiro, obsessivamente - com um olhar voltado para o que se dispensa, para o que o corpo expelle, para os comandos psicomágicos, a intuição, o que transborda.

*“Entre os 18 quilates de ouro maciço e a urina ou as fezes que se despejam nela, a ‘arte-privada’ busca desesperadamente alguma linha de fuga a fim de readquirir alguma potência. O mercado e o museu com sua voracidade cínica tratam de apertar a descarga e manter tudo limpo e lustroso. Não tratei do título, América. Não precisa, afinal Duchamp já havia escrito em sua carta em defesa de Richard Mutt, que privadas e pontes eram o que de melhor a América havia produzido em termos de obra de arte.” (OSORIO, 2017)*



Ken Kagami,  
*sem título*  
(2015)

Diego Torres  
*Registro:  
Escarro de rapé na pia*  
(2017)



A gente faz essas coisas todas por dinheiro  
Vocês mal tem consciência de quanto dinheiro

Vossos coraçõezinhos arritmados  
Pela urgência do nosso gigantesco dinheiro  
O nosso coração é uma cloaca

Vamos acabar até com a graminha  
Que urdimos pra enganar  
Os otários nos parques tomando um sol  
Vamos colocar os soldados em marcha  
Vai haver enchente e falta d'água

[preparem-se]

Porque o nosso coração é uma cloaca

Negro Leo,  
Nosso coração é uma cloaca  
(2015)



c a p í t u l o 4  
C A T A D O - R



*“A diferença entre o otimista, o pessimista e o realista é que o primeiro acha que, do jeito que as coisas vão, iremos todos acabar comendo merda. Já o segundo acha que não vai ter merda suficiente pra todo mundo. E o realista já está estocando merda...”*

Autor desconhecido



Coletivo Desculpinha, *O Anjo do Arquivo* (2015)

Em algum momento percebi o quanto eu tinha interesse em criar arquivos. Na verdade, já juntava coisas há muito tempo, que aparentemente não tinham utilidade alguma, mas por alguma razão pareciam importantes demais para serem descartadas. O que parecia ser um hábito aleatório, sem um fim definido, acabou se tornando o início de uma pesquisa - ou pelo menos algo que me pedia um olhar mais cuidadoso. No âmbito físico, me vi acumulador, trazendo objetos interessantes que encontrava no lixo para casa, e guardando tudo em sacolas, para usar depois, sem saber de que forma - como se o tempo fosse me dizer o que

aquilo poderia vir a ser. Estava interessado nas visões de mundo e leituras que aqueles objetos poderiam vir a me dar num futuro próximo, nas idéias que poderiam me gerar para trabalhos. No âmbito virtual, acumulava links, abas abertas, blocos de notas, pdfs, mp3, vídeos, informações de diversas fontes, em enorme quantidade. Isto eu só vim a perceber recentemente, pois por estarem na rede, nas máquinas, eu não tinha a real dimensão desta coleção.

*“(...) o tema do virtual como “não-presença”. A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais” (LÉVY, p. 20, 2007)*

Começar a olhar mais criticamente para estes arquivos que criei me abriu os caminhos para suas potencialidades - como se eu tivesse me conectado à frequência destas coisas, como uma rede em constante fluxo, e estivesse agora recebendo informações a cerca desses assuntos ininterruptamente e desembaçando minha visão para estas possibilidades apenas por ter uma intenção sobre elas; como sintonizar em uma frequência de rádio específica, por querer ouvir esta e não outra seleção de músicas. Estas coisas, tê-las, são acontecimentos para mim, e desencadeiam um fluxo de idéias que geram outros acontecimentos. É quase como uma premonição, como sugestões vindas magicamente do cosmos, pelas escolhas que fiz e deixei de fazer. E neste momento percebo que todo esse acúmulo está resultando em alguma coisa mais ou menos palpável, e é engraçado perceber como tudo era desconectado e agora parece fazer sentido em conjunto.

*“Sob o impacto dessa nova ordem (ou desordem) contemporânea, a enciclopédia abandona as pretensões de ser o inventário completo de todos os saberes sobre as coisas do mundo para ser um espaço móvel de articulação, combinação e invenção, assumindo um caráter menos totalizante que cartográfico e instaurando uma circulação livre e descentrada dos conhecimentos. Como afirma Olga Pombo, à visão universalista do projeto*

*moderno de enciclopédia, sucede pois “um modelo de conhecimento que funciona por blocos, por fragmentos, fundado nas noções de multiplicidades, bifurcações, mediações, irradiações e derivas”. Não à toa esse modelo tem instigado a imaginação de artistas, escritores e teóricos contemporâneos.” (MACIEL, p. 25, 2010)*

Ao longo da história, a humanidade estabeleceu relações muito estreitas com algumas substâncias alteradoras da percepção e consciência, e estas tiveram profunda influência em nossa cultura. Terence McKenna sugere que a ruptura intelectual entre os humanos e os outros animais teria se dado a partir do contato íntimo e da experimentação com essas substâncias, como por exemplo os cogumelos alucinógenos. Estaríamos acostumados a colher coisas propostas pelo mundo e nos utilizar delas desde muito tempo, e este seria o nosso salto. O homem enquanto catador, aquele que faz a colheita; antes disso, antes do fogo, seguíamos outros animais e vivíamos a partir do que eles e o ambiente nos proporcionavam. O corpo como um arquivador, que contagia e é contagiado, que afeta e é todo tempo afetado, em constante mutação, a partir das vivências, experiências, substâncias que o circundam. Estamos constantemente remontando, reclassificando, interagindo de outra maneira com velhas e novas formas de enxergar a realidade através da alteração de memórias e reconstrução de novos paradigmas pessoais.



Tracey Emin, *My Bed* (1998)

Tracey Emin dá outro significado à expressão arquivo pessoal. Apresentando sua cama como um arquivo dos dias, a artista expõe sua intimidade promovendo uma identificação com o espectador. Em função de sua frustração relacionada à produção de um trabalho de arte e o estado em que se encontrava por causa dessa ansiedade, do acúmulo involuntário e inconsciente de objetos neste momento, ela encontrou saída tornando o ambiente onde sofria em obra de arte. Essa profusão de produtos que seriam descartados, embalagens de bebidas e remédios, roupas de cama manchadas, secreções do corpo, bitucas de cigarro, etc - que poderiam ser tomados como lixo -, constitui um tipo de diário, um catálogo e uma extensão do corpo.

A arte não é verdadeira criação e fundação senão quando cria e funda lá onde as mitologias têm seu próprio fundamento último e sua própria origem.

Para poder assumir o significado da própria época a questão é, portanto, chegar à própria mitologia individual, no ponto em que ela consegue identificar-se com a mitologia universal.

A dificuldade está em liberar-se dos fatos estranhos, dos gestos inúteis: fatos e gestos que poluem a arte usual de nossos dias, e que por vezes são tão evidenciados que chegam ao ponto de se transformar em emblemas de modos artísticos.

O crivo que permite tal separação entre o autêntico e a escória, que nos leva a descobrir, em uma seqüência incompreensível e irracional de imagens, um complexo de significados coerentes e ordenado é o processo de auto-análise. É através dele que nos reconectamos a nossas origens, eliminando todos os gestos inúteis, tudo aquilo que em nós é pessoal e literário no pior sentido da palavra: recordações nebulosas da infância, sentimentalismos, impressões, construções intencionais, preocupações pictóricas, simbólicas e descritivas, falsas angústias, fatos inconscientes que não afloram à superfície, a imensa iluminação de sábado à noite, a repetição contínua em sentido hedonista de descobertas exauridas - tudo isso deve ser eliminado.

Através desse processo de eliminação, o originário humanamente atingível vem manifestar-se, assumindo a forma de imagens que são nossas imagens primeiras, nossos “totens”, nossos e dos autores e espectadores, pois são as variações historicamente determinadas dos mitologemas primordiais (mitologia individual e mitologia universal identificam-se).

Tudo deve ser sacrificado a esta possibilidade de descoberta, a esta necessidade de assumir os próprios gestos.

A própria concepção habitual de quadro deve ser abandonada; o espaço-superfície só interessa ao processo auto-analítico como “espaço de liberdade”.

E também não deve preocupar-nos a coerência

estilística, pois nossa única preocupação possível é a pesquisa contínua, a contínua auto-análise, com a qual, apenas, podemos chegar a fundar morfemas “reconhecíveis” por todos no âmbito de nossa civilização.

Piero Manzoni

*A arte não é verdadeira criação* In: Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.



r e f e r ê n c i a s  
B I B L I O G R Á F I C A S



BATAILLE, Georges. The use value of D.A.F. de Sade In: Visions of excess: selected writings, 1927-1939. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica In: Obras Escolhidas volume 1: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMNITZER, Luis. O artista, o cientista e o mágico In: Humboldt - Goethe Institut, 2011. Disponível em: <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/156/pt8622845.htm>. Acesso em 20 jun. 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta. Lisboa: KKYM + EAUM, 2013.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOLDSMITH, K. Grampo Canoa. Lunaparque, São Paulo, n. 2, p 22-38. 2016.

KURZ, Gustavo. A escrita não-criativa de Kenneth Goldsmith, 2017. Disponível em: <http://www.literaturabr.com/2017/05/19/escrita-nao-criativa-de-kenneth-goldsmith/>. Acesso em 20 de jun. 2017.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual?. São Paulo: Editora 34, 2007.

LYNCH, David. Em águas profundas: criatividade e meditação. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

MACIEL, Maria Esther. As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Do inclassificável e das classificações In: As ironias da ordem - coleções, inventários, enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

OSORIO, Luiz Camillo. A arte foi ao banheiro: crise ou solução?. Prêmio Pipa, 23 de junho, 2017. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/2017/06/arte-foi-ao-banheiro-crise-ou-solucao-novo-texto-da-coluna-de-luiz-camillo-osorio/> Acesso em 20/06/2017.

SCHNEIDER, Arnd. The Art Diviners. Anthropology Today, Vol. 9, Nº 2 Abril, 1993. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2783168>. Acesso em 20 de jun. 2017.